

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

**PREÇO DAS ASSIGNATURAS**

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 15000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 15125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.  
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL... 15500 RS.

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS**

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.  
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.  
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

**AVEIRO**

**OS IMPOSTOS**

O sr. Hintze Ribeiro possui o ideal dos estadistas d'outras eras:—viver à custa alheia. Os antigos conquistadores faziam a guerra para que os vencidos lhe satisfizessem as suas necessidades. O tributo era o unico movel das suas conquistas. O homem que não ri para obedecer ao principio monarchico de que o imposto é a exploração do povo pelo rei, vai lançando tributos a esmo para que não falte dinheiro à familia, porque do pão do nosso compadre, e o compadre aqui é o rei, grossa fatia aos nossos afilhados.

Segundo os principios da moderna sciencia economica, o imposto não deve ferir o homem, não deve ferir a circulação, não deve estorvar a liberdade do trabalho, deve ser unico, deve ter uma base fixa, deve recahir sobre o capital da nação e na proporção do capital de cada um e deve ser definido e não arbitrario. Ora o *sabio* Hintze, apto para tudo como os outros da monarchia, á altura de ser ministro de todas as pastas, não houve nenhuma d'estas regras a que exactamente não faltasse, e em especial ás de maior transcendencia e importancia.

O esplendor d'um paiz está na barateza dos capitães circulantes e no alto valor dos capitães fixos. E' principio respeitado por todos os homens publicos, que veem alguma coisa *adeante do nariz*. Mas o *sabio* Hintze, que tem fama de *br*, tributando o vinho, o sal, o assucar, a carne, etc, tratou de obedecer ao principio contrario. Encarecendo os capitães circulantes poz-se em guerra declarada com todas as noções de progresso e melhoria economica. Ou os salarios e ordenados hão de subir na proporção dos novos impostos, e d'ahi uma alteração immediata e rapida na lei geral de oferta e procura, alteração que pode ser de resultados prejudicialissimos, ou não poderão os trabalhadores adquirir, e com elles as outras classes mal remuneradas, os generos de primeira necessidade e d'ahi o definhamento da raça e portanto a atrophica economica e moral do paiz.

Tem graça esta circumstancia do sr. Hintze Ribeiro *melhorar* o estado da fazenda publica com novos impostos, enquanto o seu collega Thomaz se estafa em cantatas socialistas. Tem graça, mas nem por isso deixa de ser elucidativo e de vir em muito boa occasião. Vem explicar ou confirmar um phenomeno social! Vem explicar como é que triplicando a produção, como tem triplicado nos ultimos tempos, como é que crescendo a procura do trabalho, como é que aumentando em consequencia o preço dos salarios, a situação do proletariado é cada vez mais triste, ou pelo menos estacionariamente triste, quando devia ser mais commoda, mais fácil, mais feliz. Como é isso, porque é isso? E' pela ausencia completa de sciencia economica, por este rotinismo, ou antes, por esta torpe exploração financeira, que não encontra recursos senão no augmento successivo dos impostos indirectos. De que vale duplicar o salario, se os generos alimenticios triplicam ou quadruplicam? A situação, se não piora, fica pelo menos a mesma. De que valem as tentativas socialistas do Estado, se o mesmo Estado é o primeiro a estorvar a liberdade do trabalho, carregando este ou aquelle producto de preferencia a um outro, segundo os seus caprichos ou seus favoritismos, sem norma, sem regra, sem base definida? O sr. Hintze Ribeiro, viu, porventura, se seria mais conveniente sobrecarregar o alcool do que o vinho, a carne do que o assucar, ou vice versa? Não, procedeu a esmo, d'accordo com as suas tolices, ou as suas excentricidades, ou os interesses dos seus protegidos, ou com a mira exclusiva em lucro maior.

E são estes os sabios, e são estes os que do alto da sua pyramide de gloria nós chamam a nós, pobres republicanos *exallados e jacobinos*, com excepção dos da anti-jesuítica, *homens praticos* que nos chamam tambem o mesmo a nós em especial, declamadores ignorantes e banaes. Seremos tudo quanto quizerdes, mas se nós perdoarem a immodestia, ousaremos afirmar que se fossemos ministro, e Deus nos livre de tal, seríamos capazes de conseguir muito mais pacatamente o fim do sr. Hintze. O sr. Hintze não quer fazer uma reforma larga, uma remodelação geral da nossa vida

economica. Limita-se a querer augmentar os recursos do Estado e a pretender um certo equilibrio entre a receita e a despesa. Pôis n'essas condições dispensariamos novos impostos. Limitar-nos-hiamos a firmar a moralidade e a justiça em bases solidas, correndo com ailhados, especuladores e gratificações illegaes. Obrigariamos os cabeteiros do Estado a pagar rigorosamente as suas dividas. Lançariamos mão dos bens nacionais, que andam por ahí aos tombos entregues a este e aquelle, principalmente aos jesuitas e padres. E' procederíamos a um desvaste completo em cada um dos ministerios, não esquecendo de começar por arrancar a berva daminha do orçamento dos cultos. Isto para diminuir as despesas e obter maiores receitas, porque n'uma grande reforma estariamos muito longe de nos limitar a tão pouco! E se depois não houvessemos conseguido muitissimo mais de que o homem que não ri, ficariamos convencido de que mereciamos o que elle ha muito merece— *ser corrido a pontapé*.

**CURIOSO**

As sovas que o sr. Magalhães Lima levou dos radicaes nos ultimos tempos parece que lhe fizeram bem. Agora deu na mania do radicalismo. E' verdade que o *illustre chefe* sempre foi assim. E' para onde lhe dá! Em o vento soprando d'outro lado... volta-se a vela e o barco segue rumo. *De pé abrax*, pois, com estes levianos ou inconscientes, que são as creaturas mais perigosas d'este mundo. Cuidado com esses que são capazes de ter mil opiniões, contando que lhe não fuja a popularidade! Para cá... nem á mão de Deus *Padre! Trop Tard*.

Entretanto lembre-se, d'um conselho serio. Vá por ahí que váe bem. Se é capaz de seguir caminho direito alguma vez na sua vida deixe-se ir n'esse em que está e mande para o diabo os idiotas que o cercam, que, somnados todos valem muito menos de que o sr. vale. Fizesse isso quando devia e lh'o diziam e *outro gallo the cantára!*

mais povoadas: A Inglaterra, apenas habitada talvez na epocha magdaleniana, recebe ondas de emigrantes da raça conquistadora; que assignala a sua fixação alli pela edificação dos *long-barrows*. De todos os lados se elevam aldeias, recintos fortificados, tumulos. As permutações tornam-se mais facéis, mais frequentes, e relacionam entre si os povos mais afastados. Assim nos poderam vir directamente da Asia diversos usos e diversos objectos, mesmo algumas plantas cultivadas. As guerras misturam as populações mais diferentes e d'esse modo favorecem n'uma certa medida a diffusão dos progressos adquiridos.

No fim da epocha neolithica, as populações da Europa tinham assim alcançado uma especie de civilização: O grande desenvolvimento de certos monumentos, grutas artificiaes, e sobre tudo dolmens, menhirs, são d'isso uma prova

**AS PROPOSTAS**

**DO SR. THOMAZ RIBEIRO**

**OS AVINDORES**

Começou mal o sr. Thomaz Ribeiro o relatório da sua quinta proposta. Logo no principio disse asneira. «Não raro vemos hoje perturbada a harmonia que deve reinar entre os industriaes e os operarios; a sua desharmonia toma, por vezes, serias proporções, vindo quasi sempre a restabelecer-se a paz, o que prova que a divergencia se não fundava em questões essenciaes.»

Bem se vê que é um poeta que legisla e o que nos mata é este legislar continuo de poetas. Se não fora poeta, e até o podia ser sem fazer versos, não diria que o restabelecimento da paz entre industriaes e operarios prova que não existe entre elles divergencia em questões essenciaes. E quem diz isso tão ousadamente, e em plena camara representativa, deu idea clarissima de não ter estudado a base dos seus projectos e portanto d'inepcia completa para o alto cargo que está gerindo. A divergencia, que existe entre industriaes e operarios, não pode deixar de ser profunda e essencial, porque é uma divergencia de principios e de interesses. O industrial é o explorador, o operario é o campo explorado. O industrial compra trabalho, o operario vende-o. E como o interesse de quem compra é comprar barato e o interesse de quem vende é vender caro, ha aqui duas entidades manifestamente oppostas por indole e por necessidade. Se quasi sempre se restabelece a paz entre as duas, em seguida a uma desharmonia patente, porque la-tente é ella sempre, não é porque a desharmonia deixasse de ter razão, de ser, como pretende com profunda ignorancia o sr. Thomaz Ribeiro; é porque um dos antagonistas teve de calar as suas reivindicações por se achar perante o outro em condições de lucta desigual. E' essa desigualdade que nós, os democratas, combatemos, procurando elevar um dos contendores até ao outro. E' esse o unico movel que nos leva a pedir a intervenção da lei e desde que um ministro intervein sem obedecer a esse fim ou sem o conhecer, ou errou a sua missão ou ignora-a e n'esses casos ou pro-

cede com perfidia ou não está apto para metter hombros á empreza. *Pelo dedo se conhece o gigante* é o sr. Thomaz Ribeiro, obedecendo ao dictado, logo com a rhetorica do principio demonstrou que desconhecia a base das questões que ia tratar.

O desconhecimento, todavia, do sr. ministro das obras publicas poderia redondar n'um beneficio completo e importante para os trabalhadores e merecer por isso o nosso respeito ou silencio. Mas não redundo, como vamos ver.

Entende o sr. Thomaz Ribeiro que a greve é um dos elementos mais perniciosos á vida industrial e que convem por isso mesmo procurar-lhe remedio. E acha dois:— um directo, procedendo contra os *grevistas* e principalmente contra os promotores do levantamento; outro indirecto, por meio de tribunaes de arbitros e avindores escolhidos d'entre os interessados— industriaes e operarios, constituídos sob uma presidencia estranha aos interesses que se debatem, e que se tenta conciliar ou regular. Por tanto o sr. ministro é contra a greve, não obstante a greve ter sido até hoje a unica arma efficaz do operario. E não só é adversario da greve, isto é, d'esse systema de resistencia e defeza considerado em absoluto, mas inimigo do proprio *grevista* contra o qual, apesar de o não declarar, dá a entender com evidencia que se deve *proceder*. Quer dizer, é da escola torpe d'esses autoritarios conservadores, que entendem que um homem não pode deixar de trabalhar quando quer, e que por o entenderem assim o mandam carregar pela cavallaria até o obrigarem a entrar novamente na fabrica ou a descer a mina! E' d'esses adeptos do velho Thiers, que dizia ao prefeito de Pas-de-Calais:— «Approvo a vossa energia e a promptidão da repressão. Já mandei partir um regimento para Donai com viveres e tendas. *Tenho aqui cem mil homens e não vos fallarei os meios repressivos.*»

Para que eram tantos homens e tantos regimentos? Para obrigar os mineiros de Angin a desistir das reclamações com que se impunham aos societarios! Se o sr. Thomaz Ribeiro é apóstolo d'esse velho, como parece, os operarios, que lhe agradeçam tão fervoroso apóstolado.

que deveria ter estreita analogia com os Cabires da antiguidade.

No momento da sua chegada parece não ter sabido senão moldar o metal e ainda d'uma maneira imperfeita. Não sabia vasar nem grandes vasos, nem capacetes fundidos. Só com o tempo se introduziu o processo da martelagem e a operação do fundidor se veio juntar a do caldeireiro. Assim se desenvolveram espontaneamente no nosso solo, tanto na epocha do bronze como da pedra polida, os novos elementos de civilização vindos do exterior.

Se julgarmos, por consequente, a humanidade pelo que observamos n'este canto do globo, devemos concluir pela constancia invariavel, pela fatalidade do progresso!

Durante um tempo que podemos considerar illimitado, tão longe se encontra de nós, espalharam-se sobre o nosso globo duas, tres ou unica especie

**FOLHETIM**

**A ANTIGUIDADE DO HOMEM**

(EXTRACTO)

A partir do fim dos tempos quaternarios, veem-nos de fóra os progressos industriaes característicos que determinaram a divisão das idades prehistoricas em idades de pedra polida, de bronze e de ferro.

A elevação do solo, tornando habitaveis as regiões do norte, provocou de alguma sorte a marcha progressiva de um grande numero de povos. Um povo

Esse é um dos meios de evitar a greve, o meio directo, de que o sr. ministro usará quando o entender, sem o perigo de se referir a elle com maior precisão n'um documento publico, e sem necessidade de sancção parlamentar. O outro, o indirecto, é então o tribunal de arbitros e avidores com uma presidencia estranha aos interesses que se debatem. Já n'estas palavras sublinhadas vae a burla do projecto do sr. Thomaz! O tribunal de arbitragem para as contendas industriaes é realmente uma instituição util e sympathica. Mas como o sr. Thomaz a quer é uma mentira, é um sophisma, e nós nunca podemos louvar sophismas nem mentiras. Vejam:

«Art. 1.º E' o governo auctorizado a crear tribunaes de arbitros avidores nos centros industriaes que os requererem.

Art. 2.º O numero dos seus componentes nunca poderá ser de mais de dez nem de menos de quatro, sendo metade da classe de industriaes, eileitos pelos operarios, metade da classe dos operarios eileitos pelos industriaes.

I. O tribunal será presidido por pessoa estranha ás classes e nomeada pelo governo.»

Ora o que parece obedecer a espirito de conciliação, não faz senão inutilisar o tribunal ou convertê-lo em arma facil do capitalista. Como apparece sempre uma ovelha ranhosa e no estado deploravel em que se acha o nosso operariado em toda a parte, os industriaes elegerão sempre os operarios ou servis, ou pusillanimes, ou ignorantes. E os trabalhadores ficarão sem compensações, porque não terão escolha a fazer, entre os industriaes. Mais instruidos, mais habéis, mais egoistas, obedecerão todos ao mesmo espirito. Mas se falhar essa arma, lá está outra. O presidente, o que desempata, é creatura do governo e como creatura do governo, creatura de ordem, e como creatura d'ordem inclinar-se-ha de ordinario para os industriaes. E ahí está o meio indirecto de prevenir as greves!

Desejavamos antes ter que applaudir o projecto do sr. Thomaz Ribeiro n'esta parte, mas não podemos. A verdade acima de tudo.

**PEDIDO JUSTO**

Os pilotos da barra d'esta cidade dirigiram ás côrtes uma representação de que abaixo damos copia, na qual invocam uma pretenção justa. E' insignificantissimo o vencimento d'aquelles funcionários, cuja situação é não obstante agravada pelo estado da barra, paralyzando notavelmente o movimento marítimo, d'onde elles auferiam os recursos que lhes compensavam a exiguidade dos ordenados.

Nas condições deploraveis em que se encontra a barra, é de justiça que os poderes publicos attendam ao pedido d'aquelles empregados.

Segue a representação:

Senhores deputados da Nação Portuguesa:

Os abaixo assignados, pilotos da barra d'Aveiro, vêm respeito-

samente supplicar-vos que vos digneis attender ás precarias circumstancias em que actualmente se encontram.

Quasi sem movimento o porto d'esta cidade, assoberbados com graves responsabilidades e sem meios para occorrermos ás despesas mais urgentes da existencia, muitas vezes arriscamos a vida sem garantia de irmos buscar o pão de nossos filhos, e na incerteza de podermos no dia immediato matar a fome aos que nos rodeiam o lar.

Sem quererem cançar a vossa attenção, aos illustres representantes do povo vimos confiar o ffituro das nossas familias, pedindo-vos que voteis na presente sessão legislativa uma medida que nos estabeleça uma dotação, abrigando-nos assim das contingencias da sorte e da adversidade que ha longos annos inexoravelmente nos pressegue.

E. R. M.

Aveiro 10 de fevereiro de 1883

(Seguem as assignaturas)

**REPRESENTAÇÃO DOS OPERARIOS**

Publicamos a que foi dirigida ás côrtes pela comissão eleita em Lisboa:

Senhores deputados da nação portuguesa: Os abaixo assignados, como representantes da classe operaria portuguesa, reunida em algumas assembleias publicas na capital do paiz, vem respeitosamente chamar a attenção dos membros do parlamento para a necessidade urgente da discussão e votação dos projectos de lei pendentes do parlamento, e que dizem respeito á regulamentação do dia normal de trabalho (projecto do sr. deputado Conselheiro Pedroso) e á regulamentação do trabalho dos menores, criação de tribunaes de arbitros-avidores, responsabilidade dos patrões em caso de sinistro succedido aos operarios no exercicio dos seus misteres e á necessidade de construcção de casas baratas, projecto de que na actual sessão renovou a iniciativa o sr. ministro das obras publicas, conselheiro Thomaz Antonio Ribeiro.

Senhores deputados! A urgencia da adopção de semelhantes medidas, que tendem a equiparar nos seus direitos as classes operarias ás demais classes que compõem o organismo social, é um acto de justiça e de boa razão, que por certo se impozará vossa opinião esclarecida.

As actuaes condições do trabalho nacional são por demais anarchicas e attentatorias das mais rudimentares noções da dignidade humana. As classes operarias jazem ao abandono, asphyxiadas pelo egoismo do capital privado, sem protecção nem auxilio dos poderes do estado, que no caso presente muito podem e devem fazer em beneficio das melhores condições de existencia da maior parte da população do paiz.

Não ha leis que regulem a duração do trabalho, senão aquellas que provêm da dependencia servil da classe salariada. Homens, mulheres, crianças, vêm-se forçados a 14 e mais horas de trabalho por dia, arruinando as suas forças physicas e atropiando consequentemente o seu progresso intellectual, sem que, ao menos a exiguidade do salario lhes deixo sequer reparar soffriavelmente as forças perdidas.

Não ha leis que impeçam a exploração das crianças, sujeitas a trabalhos incompativeis com as suas forças, ao serviço das grandes companhias e dos grandes estabelecimentos industriaes.

Não ha leis algumas, finalmente, que attendam á regulamentação do trabalho operario, obstando ao atropiamento e á miseria das multitudes trabalhadoras.

E para estas grandes questões, senhores deputados, que a classe operaria reunida resolveu chamar a vossa attenção, pedindo-vos que as encareis com a urgencia com que ellas se impõem a todas as consciencias cultas.

As demais nações têm já as suas leis constituindo uma verdadeira legislação do trabalho. Têm-nas a Inglaterra desde alguns seculos, têm-nas a França, têm-nas a mesma Hespanha.

Pedindo-vos, pois, a approvação e discussão dos projectos submettidos ao parlamento, e que regulam tão momentosas questões, os operarios exercem pacificamente um direito, que vós lhe não poderdes deixar de reconhecer, e cuja affirmação será a mais frizante prova de vossa justiça e de vossa boa vontade.

Por isso appellam confiados para a vossa illustração e para o vosso criterio, pedindo-vos não descoreis estes importantes assumptos dos nossos dias.

- Manuel Joaquim Felix.
- Antonio Francisco Cartacho.
- José Augusto Guedes Quinhones.
- Antonio Maria dos Santos.
- José Rodrigues Duarte Pereira.
- Leopoldino José Moreira.
- José Pedro Martins.
- Manuel Luiz de Figueiredo.

**Revista internacional**

FRANÇA

Nos ultimos dias tiveram lugar em Decazeville graves successos. Os operarios da Companhia mineira d'aquella povoação declararam-se em greve, por causa das exigencias cada dia maiores do sub-director mr. Watrin. O primeiro dia de greve passou sem contratempo algum; mas no segundo a exaltação dos animos chegou a tal ponto, que a imprudencia de mr. Watrin, de se apresentar ante a massa dos grevistas, como fazendo alarde da sua anterior conducta, lhe custou a vida. Não pretendemos justificar o facto; devemos manifestar, porém, que o procedimento de mr. Watrin foi constantemente o mais iniquo e desapiadado.

Os deputados republicanos Bailly e Wichersheimer, que foram a Decazeville apurar a verdade dos successos, poderam reunir numerosos dados que proyam a malevola conducta do sub-director para com os operarios das minas. Resulta das suas investigações que mr. Watrin só se preoccupava de diminuir, por todos os meios e pretextos possiveis, o salario dos mineiros. Cada mez tratava de lhes cortar alguma coisa nas suas mensalidades, e reclamava cynicamente á Companhia cinco por cento pelas economias realisadas á custa dos infelizes operarios. Só o desastre foi, pois, a causa do desastre, e bem se pode dizer que é uma circumstancia attenuante muito ponderosa.

O governo da republica restabeleceu a ordem material. Faltava completar a sua intervenção, que exija tanto ás grandes como ás pequenas companhias: commerciaes as garantias sufficientes para que o operario não seja victima dos infames monopolios de um director usurario como o de Decazeville.

INGLATERRA

Cahiram enfim os conservadores, sendo chamado Gladstone a formar gabinete. Lutou com graves obstaculos, um dos quaes é a debil sympathia que lhe dispensa a corôa, que só o chamou para organizar ministerio, obrigada pelo resultado da votação da camara. Estes partidos liberaes, ou soi disant liberaes monarchi-

cos de varias nações da Europa, não querem vencer-se de que muitos monarchas só admittem os seus serviços quando as graves circumstancias politicas do paiz não permittem outra cousa, e ainda assim esta transigencia só dura o tempo indispensavel para acalmar os espiritos. O advento do gabinete Gladstone affigura-se-nos portanto um compasso de espera na musica palaciana.

Com estes traçoeiros elementos de opposição, Gladstone talvez não logre ver realisado o seu programma autonomista com respeito á Irlanda, por mais que o seu caracter energico e activo o impulsiona a emprehender as importantes reformas annunciadas.

O povo inglez demonstrou claramente, nas passadas eleições, que não quer permanecer estacionario, e que está disposto a encaminhar a situação politica do paiz pelas vias da liberdade e do verdadeiro progresso.

O tempo mostrar-nos-ha o resultado da collisão entre os interesses do povo e os interesses do throno.

SUISSA

Acabam de verificar-se em Berne as eleições para renovar o municipio da capital, as quaes foram favoraveis ás candidaturas apresentadas pelo partido radical. O resultado da lucta não surprehendeu ninguém, porque nada punha em duvida o êxito da candidatura avançada. Entre os eileitos figuram varios candidatos operarios, e entre estes o conhecido socialista Schrag, typographo, um dos mais entusiastas e energicos que protestaram contra a conducta do Conselho Federal quando decretou a expulsão dos anarchistas.

A sensata e digna attitudo da classe operaria suissa, tomando parte nas luctas politicas do paiz e intervindo com admiravel firmeza, assiduidade e interesse no movimento geral da governação do Estado em todos os seus ramos, é vivamente applaudida pela opinião publica, que n'este são criterio, n'este louvavel proceder, a garantia mais efficaz para a reforma gradual e progressiva da sociedade suissa, sem grandes perturbacões, nem graves desordens, que possam entorpecer a marcha sempre evolucionista das instituições federaes. E' para lamentar que a levantada conducta da classe operaria da Suissa não seja imitada pelos operarios de todos os Estados europeus!

O Conselho regional de Lucerna deliberou por grande maioria, que d'ora avante o estado de alcoolismo n'um individuo, não seja considerado como circumstancia attenuante nas causas criminaes.

**Carta de Coimbra**

Meus amigos: O avermelhado socialista e honrado livre pensador M. B., que vos escreveu a ultima carta de Coimbra, está agora soffrendo as mais tyrannicas dores, produzidas por um irreverente furunculo, com que a divina providencia houve por bem inuosiá-lo. Ha quem diga que é castigo celeste, attendendo a que aquelle

nosso amigo é um... atheu! Eu não acredito.

No entanto, o que é certo é que sobre a dextra d'aquelle bello rapaz calha, sem piedade, o tal furunculo que lhe mancha porariamente a mão com que elle costuma galhardamente manjar a penna-camaritel. Uma fatalidade ou uma infamia como melhor em direito se lhe deva chamar.

E' em virtude do maldito furunculo que eu hoje o venho substituir, ainda que incompetente, esperando que elle na próxima semana occupe de novo o lugar que lhe foi confiado e que humildemente sabe desempenhar.

Não faço aqui o elogio de que M. B. é merecedor, porque a amizade fraternal que lhe consagro m'o prohibe e porque elle com as suas cartas semanaes, melhor do que eu, poderá provar aos leitores do vosso intransigente jornal o quanto vale a boa vontade e intelligencia de que dispõe. Elle que me releva a franqueza das minhas verdades.

—A beatice vae por aqui fazendo os seus progressos conduzida pelo jesuitismo burguez! Parece que voltamos aos tempos monasticos e hypocritas de D. Juan V. Não se visitem as freiras mas em compensação pedese esmolla para ir visitar o santo pa-ppe.

Acaba de organizar-se uma comissão de carolas, presidida pelo bispo-conde, comissão que tem por fim obter algumas esmolinhas para o pobrissimo prisioneiro do Vaticano. Esta lembrança foi forjada no cerebro liberal do rayrendo bispo de Coimbra, que des ja pr santear, á custa dos tolos, o infanz Leão XIII, por occasião da sua visita que está muito alto sr. lhe vae fazer.

Não me admira o procedimento do sr. bispo-conde, nem me causa espanto a carolice dos seus adeptos; o que me admira e me espanta, é alguns operarios d'aqui contribuirem com a sua esmola para soccorrer um opulento parasita que vive principescamente no Vaticano, enquanto muitos operarios arrastam para ahí uma vida de miseria, luctando com a fome, sem que para estes desprotegidos da fortuna haja uma pequena esmola!

Tal procedimento da parte da maioria dos operarios e congêneres obriga-me a dizer—que a bestialidade do povo menos illustrado corre parilhas com a podridão que se alastra pelo paiz. E não digo mais nada a esses analfabetos imbecis, que alem de me causarem asco me causam dô!

Ah! ignorancia, ignorancia, quando terás os teus dias contados?

—Realizou-se na sala da Associação dos Artistas uma conferencia sobre—A Ceramica na Península.

Foi conferente o digno republicano sr. Antonio Augusto Gonçalves, professor da escola de desenho industrial Brothero, que tractou com toda a proficiencia o assumpto que havia escolhido.

O meu illustre amigo, pela maneira como se houve no desempenho da sua nobre missão, provou-nos mais uma vez que é um

primitiva que só o andar mais direito e os rudimentos d'uma linguagem articulada distinguem ainda da animalidade. Estas especies não conheceram progresso; ainda o conheceram menos que os negros d'Africa. Mas, com o tempo, as enormes mudanças no clima e a configuração dos continentes modificaram-nas em sentidos diferentes. D'ahi se formaram as raças humanas. A humanidade começou, pois, pela multiplicidade e a dispersão das suas raças. As que ficaram por largo prazo isoladas em condições de meio pouco mais ou menos semelhantes tornaram-se cada vez menos modificaveis e progressivas. Outras, sob a influencia de variações climaticas mais rudes, que lhes amaciaram a natureza e excitaram as inspirações do seu instincto de conservação, elevaram-se assaz rapidamente ao que chamamos a dignidade das raças superiores. Mas, mesmo entre estas, algumas houve que,

a despeito d'um brilhante desenvolvimento das suas facultades, se manifestaram de repente em condições de inferioridade vis-à-vis de povos vizinhos e não conservaram a sua existencia senão assimilando novos elementos de progresso e transformando-se a si proprias. Um movimento espontaneo arrastou todas as raças e todos os povos a permutações cada vez mais frequentes e a misturas cada vez mais intimas. A frequência d'estas permutações e a intimidade d'estas misturas estão por toda a parte em relação directa com a densidade sempre crescente da população. A humanidade, que começou pela multiplicidade das raças e das linguas, parece assim marchar para a unidade. E não é duvidoso que muitos povos ficarão ainda no caminho. Vemos nos nossos dias os Tasmannios desaparecerem, os Polynesianos diminuir em proporções assustadoras, os Negritos, os Boschimanos, os

Veddahs... ameaçados d'uma extincção tão proxima, como outr'ora no nosso solo as raças de Néanderthal e de Cro-Magnon, e depois as de Grenelle e de Furfooz. E não deixarão no sangue das populações novas senão traços passageiros da sua existencia! Ah! sem duvida que o que conhecem a espontaneidade sincera e o natural encantador dos Polynesianos, hoje destruidos pela hyoceris e vicios da nossa civilização, o que se recorda de a guerra, o assassinato e as maiores baixezas e infamias seguiram passo a passo os civilisadores por toda a parte, o que sabe porque prego os arabes musulmanos pretendem arrancar os negros ao fetichismo, o que conta os sacrificios cruéis que custaram as menores conquistas dos homens e que vê por toda a parte, a despeito de tantos esforços, a humanidade sempre sangrenta e sempre magoada, sem duvida que esse não está

longe de considerar o progresso senão como uma chimera, pelo menos como um pretexto invocado pelos mais fortes contra os mais fracos. Mas, em presença da miseria esmagadora d'uns, da abjecta opulencia dos outros, do fundo im-morredouro de barbarie que nos opprime, essa chimera é ainda a esperança da nossa vida. Porque não o havemos de repetir? Se não fosse essa esperança consoladora para o maior numero, o progresso ficaria ainda para todos uma lei implacavel e dura. Perante o espectáculo de luctas sem fim que nos entristecem, o progresso, por não ser uma necessidade sempre urgente, nem por isso nos apparece menos como uma fatalidade que d'um momento para o outro nos pode estrangular e aniquilar. Mas o nosso passado pre-historico fornece-nos motivos poderosos para o procurar em lugar de o tolerar, para o obter pelos nossos esforços constantes

em lugar de esperar que elle nos seja imposto. O homem partiu d'um estado de tal modo miseravel, que as populações actuaes as mais envejecidas estão longe de nos dar uma ideia imperfeita d'esse estado. Vimo-lo luctar contra um meio terrivel com armas de tal modo rudimentares, que nos deixariam impotentes em muito melhores condições de existencia. E entretanto familiarisou-se a pouco e pouco com as dificuldades, dominou e sujeitou a natureza. Tomou posse do mundo dobrando-o ás suas necessidades. Hoje reina sobre ella sem partilha e o poder da acção que nelle exerce augmenta todos os dias. Tendo obtido tanto pode esperar tudo do progresso. O seu passado pre-historico dá-nos esperanças immensas para o futuro da humanidade.

dos artistas mais distinctos da nossa terra, um dos espiritos mais cultivados e que possui grande numero de conhecimentos.

As minhas cordaes e sinceras felicitações ao illustre conferente.

Tambem realizou no ultimo domingo uma conferencia no *Atheneu Popular*, associação presidida pelo meu amigo Delphin Gomes Ferreira.

O conferente sr. Gonçalo Moreira fallou, e muito bem, acerca da *Utilidade da instrução nas classes operarias*. Os applausos que por mais d'uma vez o interromperam, são a prova da maneira digna como demonstrou a necessidade da instrução para o operario em geral.

Assistiram a esta conferencia, alem dos socios, o srs. Martins de Carvalho, E. L. Cardozo, Antonio Augusto Gonçalves, Estulano Queiros e muitos outros individuos de quem agora não me occorrem os nomes.

Os meus parabens ao digno conferente.

Estava inscripto para fazer esta conferencia o sr. Luiz Cardoso, nosso collega da *Officina*. Os motivos que levaram este *Voltaire* combricense a não cumprir com a missão de que o tinham encarregado, é de todos nós conhecido. É um bello rapaz, mas muito mandrião. E foi a mandricice d'este nosso amigo que nos privou de ouvir a sua palavra causticante! Triste!

A segunda conferencia é no dia 14 de março para o qual ficou inscripto o popular poeta Adelino Veiga.

Felicitemos os socios do *Atheneu Popular* e muito folgamos que continuem com a obra civilisadora que encetaram.

Foram aqui mal recebidas as medidas de fazienda apresentadas na camara dos deputados pelo sr. Hintze.

O agravamento dos impostos de consumo é uma verdadeira rapinagem. O restante das cinco propostas é o que vulgarmente se chama *uma rede varredora!*

O *Combricense* e a *Officina* tratam este assumpto com toda a energia, e pedem ao povo que se levante, protestando, por todos os modos, contra tão estupefido exaggero de impostos.

Abaixo os impostos! Viva a republica!

Esta carta já vai longa, por isso nada direi sobre a politica local. Fica para a semana. M. B. encarrega-se de vos mostrar a corrupção que por aqui vai.

Ricardo Veiga.

## Carta da Bairrada

Fevereiro, 11.

Voltou o tempo frio e secco. Reanimam-se os trabalhos vitícolas em toda a região da Bairrada. Fazem-se as ultimas podas, as que o viticultor deixou para tarde, por lhe terem faltado os serviços, ou por calcular que, podendo em fevereiro, livra as vinhas das grandes camadas de geada, esperadas em março ou abril. A empa e a mergulhia trazem tambem occupados muitos braços e as bacelladas continuam em toda a força. Enquanto ha vento molha-se a vella: — é o que estão fazendo os proprietarios da Bairrada, cuidando de acrescentar os seus vinhedos em quanto vai animada a procura dos vinhos para França. Quanto a nós, por de mais conhecemos a gravidade da situação que nos espera, por um lado a invasão phylloxerica e por outro o facto de ser perfeitamente casual e transitorio o consumo dos nossos vinhos de lotação nos mercados de França. Para agravar ainda mais a sorte do agricultor, novos tributos ameaçam comprometter a sua vida tão cheia de contingencias e de calamidades. Peior do que a phylloxera, teremos dentro em breve a edição correctea e augmentada do imposto de rendimento e a rede varre-

doura dos impostos de consumo a affligir o pobre trabalhador, tão sobrecarregado já de contribuições e vexames.

Quando estalará este esticado cordão dos impostos?!

Progressistas e regeneradores entenderam que este paiz lhes pertencia, e como acham o povo macio, toda a carga é pouca para lhe deitarem para cima. Quando acordarás tu, ó povo das aldeias, ó operarios das cidades, dando um pontapé nos financeiros do inferno, altos serventuarios da monarchia, d'onde auferem avultados ordenados, legisladores de *biscuit*, estranhos ao mundo do trabalho, reformadores tacanhos, que só fundam a sua sciencia de governar no agravamento do imposto e na elasticidade das taxas das suas tabellas sinistras!?

## NOTICIARIO

Falleceu em Agueda, apoz uma doença prolongada e dolorosa, a esposa do nosso bom amigo e conferraneo o sr. Custodio Simões Amaro, mestre d'obras publicas d'este districto.

O cadaver foi transportado para esta cidade afim de ser inhumado no cemiterio d'aqui.

Sentimos o golpe que alanceia o nosso amigo, a quem enviámos a expressão da nossa condolencia.

Esteve entre nós, de visita a seu paiz, o nosso estimado amigo e patricio o sr. Antonio Maria Ferreira, acreditado negociante e ha muitos annos residente em Lisboa.

Saiu finalmente á luz o livro do famoso revolucionario hespanhol Paulo Angulo, **Os assassinos do general Prim**, que está despertando vivissimo interesse em toda a Europa.

Opportunamente fallaremos do livro de Paulo Angulo.

**Os assassinos do general Prim** teve um successo em Lisboa e Porto. Enviaram-nos alguns exemplares que temos á venda na administração d'este jornal.

A casa do nosso presado amigo Gabriel de Pinho foi ha dias assaltada por uns larapios que lhe limpam quanto havia em dinheiro nas gavetas do seu estabelecimento, fugindo sem deixar vestigios que possam aclarar a sua procedencia.

Está satisfeita a anciedade dos basbaques. Encontra-se, pois, entre nós o sr. D. Augusto de Bragança, que, como se sabe, veio em serviço de inspecção ao regimento de cavallaria.

Sua alteza acha-se hospedado na residencia do bispo de Coimbra.

Os edificios publicos e alguns estabelecimentos privilegiados levantaram bandeiras em signal de regosijo. Por uma ironia funambulesca, as hastes dos pavilhões tem por base ou são coroadas pelos emblemas realengos... ainda cobertos de crepe pelo fallecimento do paiz do sr. D. Augusto. Os sinos que ainda ha dias anunciaram a morte de D. Fernando, como elles tem badalado alegremente! No furor da bajulação esquecem-se d'estas minudencias que os fazem cahir em demonstrações d'uma alegria ficticia. No fim de contas, não fazem mais do que ser coherentes... nessa parte.

Dizem-nos que o infante se impressionou agradavelmente com o aspecto da cidade, cujas bellezas naturaes a nossa incuria e de finhamento commercial tem deixado estragar.

Na terça feira o sr. D. Augusto e a sua comitiva passearam os sitios principaes da cidade.

Percorrendo a estrada que margina a ria até á Gafanha admiraram o lindo panorama da cidade vista d'aquella estrada. Na quarta feira visitaram o quartel onde se acha provisoriamente installado o regimento. Na quinta feira foram á Vista Alegre: na sexta trabalhóu sua aftenza com o regimento no campo do Rocio.

Toquem embora os sinos, soltem ao vento bandeiras, que isso não defrauda os dinheiros do municipio, são manifestações baratas, individuaes, ainda que se diga affirmarem o sentimento unanime da localidade; isso pouco nos importa.

Mas quando os reditos municipaes necessitam de escrupulosamente administrados, com uma semceremonia que incommoda vemos que elles não merecem o respeito que deve haver por esse sacratisso penhor.

A recepção do sr. D. Augusto, a qual podia sem o minimo deslustre para sua alteza, limitar-se por parte da camara a um simples cumprimento pessoal, custou ao municipio uma importância soffrivel. Não era assim que procederia uma vereação respeitadora do cofre municipal.

Valha-nos Deus com estas fraquezas que sem nenhuma utilidade, redundam em prejuizo de tantos, sujam quem as pratica e indignam os que d'animo sereno assistem a estas indignidades.

O paiz começa a mover-se em face da exigencia de novos impostos.

De Coimbra transmittem-nos o seguinte telegramma:

Coimbra 13.— A redacção do *Povo de Aveiro*.

Por iniciativa dos operarios vae realizar-se grande reunião publica para protestar contra os novos impostos.

Indignação geral.

Ricardo Veiga.

Realison-se hontem á noite no edificio da escola Conde de Ferreira um concerto pela sociedade philarmónica Albergariense, do qual não podemos fallar hoje pelo muito adiantado da hora.

Foi nomeado interinamente escrivão da administração do concelho de Coimbra o nosso amigo Amancio Estulano d'Almeida Queiroz.

Segundo o correspondente em Lisboa, da *Actualidade*, o sr. Pedro Pereira Fernandes, negociante estabelecido em Bordeus, ha dias agraciado com a commenda da Conceição, é ali o representante e socio da firma commercial que falsificou as cento e tantas pipas de vinho, que d'aquella praça foram recambiadas, dando lugar a que se instaurasse aqui processo criminal contra a casa exportadora.

Alguem fez sentir ao governo o pessimo effeito que essa nomeação ali produzira; mas o decreto foi assignado e o sr. Pereira Fernandes, em attenção aos serviços prestados ao paiz, está feito commendador e moço fidalgo da casa real.

As duas camaras consignaram na terça feira nas suas actas que receberam a noticia de que fóra pedida em casamento para o principe D. Carlos de Bragança, a princeza Maria Amelia de Orléans, filha dos condes de Paris.

A cerimonia nupcial realisar-se-ha em Lisboa no mez de junho, depois de terminar o luto de familia pelo fallecimento de D. Fernando, vindo para esse effeito a Lisboa os condes de Paris, que serão hospedados no paço de Belem.

Parece que será o snr. conde de S. Miguel quem, com sua esposa, irá a França buscar a noiva.

A residencia dos noivos sera

effectivamente no palacio das Necessidades.

Exulte Portugal! Vae ter mais uma princeza, a quem a fatalidade prendeu no meu agouro. Vamos importal-a quando nos pediam mais sacrificios. Poderá ella ter uma suave lua de mel; nós, os páreos d'esta Calabria infernal, caminhámos para o pótro de torturas moraes: a nossa lua... de fel é que parece interminavel.

Ah! que tremendas responsabilidades pesam sobre esses negreiros d'outra especie!

A memoria não nos accusa nos tempos presentes um roubo tão audacioso e importante como o que se praticou ha dias no Porto. Toda a imprensa d'aquella cidade increpa asperamente os ladroes pedindo para elles os castigos mais severos.

Nós, que temos fé no progressivo rebaixamento moral da sociedade portugueza e na sr.ª de Carnaxide, não nos incomodamos a invocar os poderes da nossa justiça para acotar os delinquentes.

Não ha de ser preciso isso. Um roubo de dezenas de contos é objecto para sensação apenas, e põe bem em guarda os seus auctores.

Se o tempo vier desfazer as nossas previsões e accentuar as esperanças dos nossos collegas na imprensa, penitenciar-nos-hemos contractos.

Até lá permittam-nos que nos riámos da sua ingenuidade.

Quando os ministros do rei vão exigir-nos mais tributos, por ser precario o estado das finanças, gasta-se á farta em obras no palacio das Necessidades, para a futura residencia dos futuros reis de Portugal, e estão em projecto festejos deslumbrantes, que nos devem custar centenas de contos, a fim de dar o maior brilho ao consorcio do real pimpolho.

Que nos dizem a isto os srs. monarchistas? Que nos diz o povo? Não nos dizem nada. Esperem, que as harpias da governação ainda não se fartaram.

Seria a futura sogra do sr. D. Carlos que foi ultimamente processada em França por se entregar a exercicios venatorios em tempo defezo? As gazetas dizem ser a condessa de Pariz.

Em Portugal seria caso.

O deputado republicano sr. Consiglieri Pedroso, combatendo na camara as ultimas propostas de novas contribuições, mandou para a meza o seguinte:

*Projecto de lei*

Art. 1.º— É reduzida a 4 contos de reis annuaes a dotação de sua alteza o infante D. Augusto.

Art. 2.º— Fica revogada toda a legislação em contrario.— O deputado, *Consiglieri Pedroso*.

*Proposta*

Proponho que as commissões de fazenda e orçamento dêem com urgencia parecer sobre a inadivavel necessidade de reduzir a lista civil (Dotação de sua magestade D. Luiz I, rainha D. Maria, principe real D. Carlos Fernando e infante D. Alfonso Henriques) em presença da angustiosa situação do thesouro publico, tal como se revela do conjuncto de propostas apresentadas pelo sr. ministro da fazenda no parlamento em sessão de 6 do corrente mez.— O deputado, *Consiglieri Pedroso*.

Ninguem de animo sereno poderá contestar a harmonia d'estas propostas e a necessidade de serem feitas leis, porque é justo que quando se exigem ao paiz monstruosos sacrificios para sanar as chagas economicas d'esta sucia de zingaros, o chefe do estado contribua tambem.

O casto Barjonã de Freitas quiz defender os privilegios do rei. Julgou desarmar o deputado republicano, lembrando-lhe, por coherencia de pensamento, que devia tambem propor a redução

do subsidio aos deputados. O sr. Consiglieri Pedroso, pedindo logo a palavra, fustigou o petulante ministro da seguinte forma:

*Projecto de lei*

Art. 1.º— É reduzido a metade, isto é a 50\$000 réis mensaes, o subsidio dos srs. deputados da nação portugueza.

Art. 2.º— Fica revogada toda a legislação em contrario.— O deputado, *Consiglieri Pedroso*.

*Tableau!* É escusado accrescentar que a carneirada regeitou tudo.

Dois soldados do regimento de infantaria n.º 16, em serviço no cordão sanitario, na foz do rio Agueda (Barça d'Alva), travaram-se de rasões e um d'elles, mais irado, arrancou uma orelha do outro com uma forte dentada que lhe deu.

O facto de cair este anno o dia de Corpus-Christi em 24 de junho, dia de S. João, e esta coincidência corre entre o povo boçal ser o termo do planeta em que vivemos, traz atemorizadas as gentes de Celorico.

Dizem d'aquella localidade que é admiravel ver como o povo frequente as igrejas horas esquecidas, jejua e sacrifica o corpo com grandes penitencias, supplicas, confissões, preces, etc.

A chuva de estrelas cadentes na noite de 27 para 28 do mez de novembro ultimo, diz esta gente ser o indicio d'um phenomeno inexplicavel, que espera para o dia 24 de junho.

O susto cada vez tem augmentado mais, e agora o apparecimento da estrella *Venus* e mais planetas, e do seu encontro, mais os fez crer, que terá lugar a terrivel catastrophe. Já não ha riso que os console, nem esperanza que os convença.

Infeliz povo! E o clero, o clero a cooperar velhacamente na existencia da superstição. Ajuda a entenebrecer aquelles cerebros promovendo preces, confissões, penitencias, o diabo, com o desplante de quem perdeu todas as noções da dignidade.

Um correspondente em Lisboa diz para um jornal da provincia, que a policia, em consequencia de denuncia que recebera de se acharem escondidas n'uma das casas da redacção do *Seculo*, duzentas espingarlas, foi alli dar uma busca e apenas encontrou duas simples espadas de pau com que o sr. Magalhães Lima se costumava exercitar no jogo das armas. A sahida da policia houve risadas trocistas ás janellas da redacção.

O medo da hydra leva esta gente a commetter excessos de ridiculo que nos causam um supremo tedio. Nem rir nos faz a *troupe* de saltimbancos.

Pelo ministerio da guerra foi expedida uma circular aos corpos do exercito, convidando as praças de pret a alistarem-se nas guardas municipaes do Porto e Lisboa.

As praças que se habilitarem devem reunir as seguintes condições: bom comportamento, instrução completa e robustez sufficiente, attestada pelos facultativos dos corpos.

O sr. Lesseps dirigiu uma carta ao presidente da Associação Commercial de Marselha, na qual expressa a sua resolução de embarcar no fim d'este mez, a fim de inaugurar no Panamá o periodo de execução do canal maritimo, pois até agora tem-se executado outros trabalhos.

Todo o isthmo, desde um ao outro Oceano, diz o eminente engenheiro, está actualmente occupado por vinte e sete empresas que se obrigaram por empreitada a ter concluidos os trabalhos antes de expirarem os prazos fixados. Em seguida o sr. de Lesseps diz que não deve existir duvida

alguma a respeito da conclusão do mencionado canal e que será bom que todos o saibam, a fim de que logo em seguida á sua inauguração os armadores de navios e commerciantes possam utilisal-o, e não aconteça o que succedeu com o canal de Suez, em que a marinha universal ficou surpreendida quando foi chamada a frequentar as aguas do Mar Vermelho pelo Mediterraneo.

Por este motivo, Lesseps pediu ás associações commerciaes das principaes praças de França a designação de delegados que o acompanhem na sua viagem, que durará dois mezes, e cujas despesas ficarão a cargo da empresa.

A França accedeu desde logo aos desejos do illustre emprehendedor de tão gigantesca obra. A Inglaterra, a Hollanda, a Alemanha e os Estados Unidos tambem enviam delegados.

O tribunal de Lyon julgou ha dias alguns individuos accusados de adulterarem vinhos com fuchsina. Foram condemnados a alguns dias de prisão, multa de 500 francos (90.000 réis) e á perda dos vinhos apprehendidos. A sentença foi affixada á porta de cada um dos accusados e publicada em dois dos jornaes mais lidos de Lyon.

**JOSÉ EDUARDO MOURÃO & IRMÃO** convidam os seus amigos e freguezes e Ex.<sup>mas</sup> freguezas o visitarem o seu estabelecimento de ourivesaria, na rua de José Estevam, onde encontrarão um variadissimo e mimoso sortido de objectos d'ouro e prata, proprios da estação e ultima novidade no paiz.

A Bibliotheca do Cura d'Aldeia, que editou o interessante romance «OS PREDESTINADOS», acaba de ultimar o terceiro volume d'esta obra.

Preço de cada volume 500 réis. Para os srs. assignantes 450 réis. Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 211 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello-Guimarães.

Acha-se bastante adiantada a publicação dos «MISERAVEIS», de Victor Hugo, esplendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas, compradas ao editor parisiense Eugene-Hugues.

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao prego de 100 réis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

O incançavel editor portuense, Eduardo da Costa Santos, já tem muito adiantada a publicação do «SARGENTO-MOR DE VILLAR» (2.ª edição illustrada.)

A obra constará de dois volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo prego de 100 réis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se aceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despesas de porte do correio, que serão pagas á custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma esplendida gravura executada expressamente na Alemanha.

Assigna-se na Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua do Santo Ildefonso—4 e 6—PORTO.

Os «MILHÕES DO CRIMINOSO» são a ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montépin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Misterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze.»

1.ª parte—O Incendiario.  
2.ª parte—O grande industrial  
3.ª parte—A luz da verdade.

Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas cores, dos quaes o primeiro é o retrato de Montépin.

Cada chromo 10 réis— 50 réis semanaes.

Brindes a cada assignante: 100.000 réis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empreza editora Belem & C.ª, rua na Cruz pe Pau, 26, 1.º Lisboa.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

**BIBLIOGRAPHIA**

**Folha Academica.**—Saiu á luz o primeiro n.º d'este hebdomadario scientifico e litterario, que se publica em Coimbra.

O presente numero traz uma selecta collaboração em prosa e verso. A parte artistica é tambem recommendavel.

Assigna-se na rua Larga, 38—Coimbra.

**O espolho dos conventos** é o titulo d'um pequeno opusculo, que recebemos, escripto em linguagem violenta, mas activa e digna. Narram-se alli as patifarias, os verdadeiros roubos que se tem praticado e continuam a praticar sob as formas mais ou menos capciosas, mais ou menos desavergonhadas, nas enormes riquezas das extinctas ordens monasticas.

O escripto é anonymo e o seu auctor mostra possuir minuciosos conhecimentos de ladroeiros commettidas em varios conventos do paiz. Se o espaço nol-o permitir transcreveremos opportunamente o opusculo, cujo assumpto interessa a todos, para que a ninguem reste duvida de que Portugal tem sido uma completa quadilha disfarçada em administradores nacionaes, principalmente desde a queda das ordens religiosas.

A podermos dar cabimento nas nossas columnas ao escripto que está dispartando curiosidade, não queremos antecipal-o com mais apreciações.

**A Velhice do Padre Eterno.**—Recebemos um exemplar da ultima produção poetica de Guerra Junqueiro, editada pelos srs. Alvarim Pimenta & Leitão, do Porto.

A critica tem dito já bastante sobre o notavel poema, o qual valeu ao seu auctor o applauso unanime das auctoridades litterarias. Nós já expendemos opportunamente o que a leitura do livro nos suggeriu, e agora limitamo-nos a accusar a sua recepção, agradecendo áquelles acreditados editores a delicadeza da offerta.

**Anuario da universidade de Coimbra.**—Recebemos o de 1885-1886. E' um curioso livro de 300 paginas, que alem do texto proprio d'esta ordem de publicações, contém duas phototypias representando o museu de anatomia normal uma, e outra alguns exemplares de preparações naturaes, conservados pela glicerina phenica.

Agradecemos.

**Republicas.**—Saiu o n.º 59 (8.º da 3.ª serie), o qual contem o seguinte sumario:  
Secção politica:—Intra-muros.  
Secção litteraria:—Vulcoens de lama, por Gamillo Castello Branco; locuções e vocabulos portu-guezes, por E. A. Vidal; o mosteiro do Escorial, por A. X. Rodrigues Cordeiro; Os amigos, por Alpha; A botanica, por Isabeau; Os mortos, por A. C.; Poesias. Noticiario.

**Archivo dos Municipios Portuguezes.**—Recebemos a 15.ª folha d'esta utilissima publicação.

Assigna-se na Trav. do Convento de Jesus, 33, 1.º—Lisboa.

**Revista de Medicina Dosimetrica.** Recebemos o numero 15 do 3.º anno

Assigna-se na pharmacia M. J. Pinto & C.ª, Loyos, 36—Porto.

**A Semana.**—Saiu já o n.º 7 d'esta publicação— revista de sciencia, litteratura e artes, dirigida pelo nosso amigo Alberto Besa.

Os pedidos d'assignatura devem ser dirigidos ao administrador José Francisco Gomes da Veiga, rua de Santa Catharina, 251.—Porto.

**O Pastelleiro de Madrigal.**—Recebemos o fasciculo n.º 13. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

**Os milhões do criminoso.**—Recebemos o fasciculo 9 d'este esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

O entrecto d'esta caderneta é o seguinte:

Joanna Fortier, extenuada pelo cansaço e pela afflicção, tinha chegado á vista da povoação de Chevy, e havia tido a boa inspiração de pedir, que lhe indicassem a morada do cura da freguezia. Ali tinha sido recebida generosamente, e, depois de alguns cuidados indispensaveis, havia podido contar a sua historia lamentavel. A policia, porem, lançada pelas apparencias em um falso caminho, e desnortçada pelas provas verdadeiramente acabrunhadoras, que pesavam sobre Joanna Fortier, chega deprimida ao presbiterio, e prende a desgraçada viuva, que envia para Paris de baixo de boa escolta.

O juiz do processo, depois de interrogar Joanna, adquire a convicção completa e absoluta, de que o duplo crime de fogo posto e assassinato tinha sido commettido pela viuva de Pedro Fortier.

No entretante o infame Jacques Garaud, que toda a gente suppunha morto, embarcava tranquilamente em Southampton, em direcção á America.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

**A Illustração Portugueza.**—Recebemos o n.º 29 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

**ANNUNCIOS**

**Contra a losse**

**XAROPÉ PEITORAL DE JAMES**, unico legalmente autorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e aprovado nos hospitales. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**GENEBRA SEM RIVAL**  
Superior a quantas até hoje tem apparecido no mercado  
DA ANTIGA FABRICA DE  
**C. C. MOREIRA & C.ª**

Premiada na ultima exposição de Lisboa.

Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Deposito em todos os estabelecimentos de mercearia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FAC-SIMILE) dos fabricanets.

**HERPES E EMPIGENS**

Curam-se em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; emilhavo, João C. Gomes. Deposito geral, Pharmacia Maia, Oliviera do Bairro.

**Contra a debilidade**

**FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO**, unica legalmente autorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituente e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quequer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, apemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**CASPIRO FREIRE & NUNES**  
(Successores de João Jacintho Fernandes & C.ª)

Commissarios de cereaes e legumes  
Mudaram o seu escriptorio para o largo do Terreiro do Trigo n.º 9.

**JOAO AUGUSTO DE SOUSA**  
CON  
**OFFICINA DE SERRALHERIA**  
EM  
**AVEIRO**

FORNECE ferragens, dobradicas, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

**SEMPRE TRIUMPHANTE!**  
AS MACHINAS DE COSTURA

DA  
**COMPANHIA FABRIL SINGER**  
Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

**MEDALHA D'OURO**  
O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO  
E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 300 réis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

**COMPANHIA FABRIL SINGER,**  
AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 9—7  
(Regado á Cixa Economica)

**VINHO NUTRITIVO DE CARNE**  
Privilegiado, autorisado pelo governo, e aprovado pela Junta de Saude Publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dymia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se três vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quequer hotachilinhas, é um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolturos das garratas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

**CAZA**  
ALUGA-SE uma, em bello local, com commodidades para duas familias.  
Quem quizer, falle com a Viuva Fontes Pereira de Mello.